

# Lorenzo Fernandez afirma que crise foi imprevisível

Em 8 de janeiro de 1980, e então Ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, enviava ao Presidente Figueiredo um estudo em que propunha mudanças fundamentais na política econômica, com base numa avaliação da conjuntura internacional.

O documento considerado "pessimista", porque previa que se o País não adotasse sérias medidas de controle das importações e da expansão da dívida externa chegaria a um beco sem saída, acabou por provocar, uma semana mais tarde, o pedido de demissão de Rischbieter.

Agora, quase três anos passados e depois de o Brasil ter recorrido ao Fundo Monetário Internacional (FMI), o Governo anunciou a adoção de várias medidas propostas naquele documento, tais como: corte nas importações; simplificação administrativa do processo de exportação; a aceleração das minidesvalorizações do cruzeiro; restudo do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM); programa amplo de incentivo às exportações; e, principalmente, reciclagem das amortizações da dívida externa.

O autor de tão polêmico estudo foi o chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, Embaixador Oscar Lorenzo Fernandez, economista formado nos Estados Unidos e com passagem em vários governos, desde Juscelino Kubistchek (foi um dos coordenadores do Programa de Metas) até Médici (era o Secretário-Geral do Ministério da Indústria e do Comércio na gestão Fábio Yassuda).

Lorenzo Fernandez diz hoje que analisar fatos econômicos a posteriori é muito fácil e, portanto, ele se recusa a discutir se a manutenção da política que ele criticava foi que levou o Brasil a ter que recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

— Na época, a situação mundial era muito diferente da de hoje e Delfim procurou um caminho intermediário entre manter a economia aquecida ou dar uma certa freia. Essa tentativa realizou-se através de algumas medidas restritivas de gastos públicos, ao mesmo tempo em que procurava evitar que elas provocassem um impacto recessivo.

O chefe da Assessoria Internacional de Rischbieter afirma que ninguém poderia prever que a situação econômica mundial se deteriorasse a tal ponto, pois todos esperavam que os países industrializados fossem capazes de reagir à crise e o que ocorreu foi que eles repassaram seus custos às nações subdesenvolvidas e em desenvolvimento.

— A incapacidade do mundo em encontrar uma saída para a crise econômica fez com que a dívida externa brasileira fugisse do controle das autoridades. Ninguém poderia imaginar no final de 79 que haveria a guerra Irã-Iraque, que as taxas de juros internacionais duplicassem e que os países industrializados adotariam medidas protecionistas em termos de comércio exterior — diz Lorenzo Fernandez.

Portanto, para ele, a decisão de Delfim de manter um certo aquecimento da economia pode ter sido uma medi-

da correta para a ocasião, já que havia muitas correntes no Governo que diziam que era impossível garantir o processo de abertura política em um quadro de dificuldades econômicas.

## SACRIFÍCIOS

Lorenzo Fernandez diz que 1983 vai ser um ano de enormes sacrifícios para a sociedade brasileira, mas lembra que o Brasil sempre conseguiu dar saltos desenvolvimentistas em épocas de crise do balanço de pagamentos, tais como no começo do período republicano, nos anos 30 e nos 50.

— Temos de ajustar os sacrifícios, de modo que não pesem apenas sobre um determinado setor da população. Contudo, se o mundo como um todo não tomar medidas para superar as dificuldades, como disse o Presidente Figueiredo na ONU, a situação ficará crítica.

O chefe da Assessoria Internacional de Rischbieter acredita ser viável um superávit comercial, em 83, de US\$ 6 bilhões, e afirma que o Brasil não pode ser considerado um país inadimplente, já que seus problemas econômicos apenas refletem o que está ocorrendo no mundo inteiro.

— O Brasil não está sozinho em crise em uma época de prosperidade no resto do mundo. Os banqueiros estrangeiros têm de se preocupar em como restabelecer o estado saudável do sistema financeiro internacional, que eles não podem forçar mais sob pena de provocar um novo 1929 — diz Lorenzo Fernandez.